

# Fôlego retomado

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Tudo indica que o governo terá bons motivos para comemorar, apesar da crise política que atormenta ao país. Ao contrário do que se pregava até alguns dias atrás, a economia não está caminhando para estagnação. Muito pelo contrário. Os números projetados por uma leva de economistas indicam que a atividade produtiva inverteu a tendência de queda sinalizada nos primeiros três meses do ano e que o Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre cresceu entre 0,9% e 1,2%. Isso significa dizer que a economia brasileira já voltou a se expandir a um ritmo anualizado entre 3,5% e 4,5%, estimativas muito mais otimistas que a previsão de aumento de 2,8% para o PIB neste ano feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão vinculado ao Ministério do Planejamento.

"A economia apresentará resultados surpreendentes daqui para frente", disse o economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pelas suas contas, o PIB acumulado entre abril e junho foi 0,9%, resultado três vez maior que o 0,3% verificado nos três meses anteriores. "Estamos falando de uma previsão conservadora, que considera apenas os números de produção e de consumo de abril e maio. Dependendo do que Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgar para junho, podemos até elevar a projeção do PIB do segundo trimestre", destacou. Diante desse quadro, acrescentou Thadeu Filho, é possível afirmar que o Brasil está crescendo em um ritmo sustentado e não no formato *stop and go* (para e anda) dos últimos 30 anos.

Essa avaliação é compartilhada pelo economista-chefe da Arbor Gestão de Recursos, Guilherme Fernandes. "Estamos diante de um quadro muito favorável. Além de a economia ter retomado o fôlego — ele trabalha com aumento de 1% no PIB do segundo trimestre —, a inflação está em queda e boa parte dos especialistas já começa a formar consenso de que a taxa básica de juros (Selic) cairá a partir de agosto. Com isso, mais fortes ficarão a produção e o consumo", afirmou. É preciso ressaltar, ainda, os excelentes resultados da balança comercial. Mesmo com o dólar se mantendo abaixo dos R\$ 2,40, os superávits batem um recorde atrás do outro. "Felizmente, não se confirmou o quadro pessimista que havia sido traçado."

## Bons ventos

Para os economistas do Banco Real ABN Amro, o PIB do segundo trimestre teve crescimento de 1,2%, puxado, sobretudo, pela indústria, cuja expansão foi, nos cálculos da instituição, um pouco maior: 1,4%. O desempenho do PIB também foi sustentado pelo consumo. Com a oferta maciça de crédito, as famílias continuaram comprando, sem grandes saltos da inadimplência, e segurando o desempenho do comércio. Os economistas do Real destacaram ainda o crescimento na oferta de postos de trabalho (eles estimam taxa de desemprego de 8,8% em dezembro) e o aumento, mesmo que

Alexandre Meneghini/AP/31.3.05



*Um dos setores industriais do país que continua aquecido é o de produção de motos (foto), porque o consumo mantém-se forte. As vendas de motocicletas no primeiro semestre foram 15,4% superiores às do mesmo período de 2004. As empresas do setor comercializaram 520.603 unidades no*

## SOBE A VENDA DE MOTOS

*mercado interno. As exportações também subiram (42,4%) e atingiram 88.305 unidades. A Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo) acredita que a previsão de vendas de 1.146 milhão de motocicletas este ano será alcançada. "O*

*mercado deve crescer 7% este ano. No primeiro semestre o setor apresentou bons resultados, que devem ser mantidos nos próximos meses", diz Paulo Takeuchi, presidente da Abraciclo. No mercado interno, as vendas em junho foram 4,6% superiores a maio num total de 99.306 unidades.*

lento, da renda dos trabalhadores.

Todo esse cenário interno positivo, de acordo com Thadeu Filho, está sendo favorecido pelos bons ventos que sopram no mercado externo. A economia mundial está em franca expansão, o que levou os economistas a reverem a expectativa de crescimento global de 4% para 5% para este ano. Com isso, as exportações brasileiras tendem a se manter firmes, contribuindo para que a produção industrial siga no ritmo atual. Também não há riscos de significativos aumentos dos juros nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. Portanto, os investidores continuarão enviando dólares para o Brasil em busca das altas taxas, movimento que manterá os preços do dólar sob controle e sem pressões inflacionárias.

"Enfim, do lado econômico, só há notícias boas para serem comemoradas", afirmou Guilherme Fernandes. "Mas nada indica que o país está livre de um estrago total. Temos de ficar atentos porque há uma crise política assustando a todos. Mesmo com os bons indicadores, a economia não se sustentará se as denúncias de corrupção atingirem em cheio o presidente Lula e o ministro da Fazenda, Antônio Palocci. Tomara que isso não aconteça", alertou.